

PARTE III

O TRATO COM O *CORPUS***Constituição do *corpus***

O *corpus* de análise do presente livro é formado por cartas privadas de autores consagrados dos campos discursivos literário, filosófico, científico e religioso, cujos discursos, segundo Maingueneau (2012), são denominados como constituintes. Assim, para o discurso literário, congregamos as cartas privadas trocadas entre Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade; para o científico, as missivas privadas de Freud¹; para o filosófico, as correspondências privadas de Sêneca; e para o religioso, as epístolas privadas de John Wesley.

A análise específica das cartas privadas dos autores supramencionados se justifica pelo fato de eles serem reconhecidos como sujeitos importantes e consagrados em seus respectivos campos discursivos: Mário e Drummond se inserem no campo literário brasileiro do início do século XX e são vistos como figuras importantes do modernismo brasileiro; Freud é um autor consagrado do campo científico europeu do final do século XIX e início do século XX, considerado o fundador da psicanálise; Sêneca se consagrou na esfera filosófica romana do final do século I e é o fundador do Estoicismo, uma das corrente filosóficas mais

1 Temos consciência da possibilidade de haver um questionamento, por parte da comunidade científica da área dos estudos do discurso, sobre a escolha de recorte em Freud, por meio de suas cartas privadas, para representar o discurso científico. Isso se deve ao fato de não haver unanimidade para considerar a psicanálise freudiana enquanto ciência, a partir de determinados posicionamentos científicos do campo da Psicologia (pelo menos em um aspecto tradicional). Cientes dos problemas de fronteiras desse caso, notamos o risco de o interdiscurso abordado produzir efeitos distintos no caso da psicanálise; porém, o trabalho está aberto a críticas e ponderações para ser desenvolvido mais adequadamente nas pesquisas futuras, tanto do autor do livro, quanto de outros pesquisadores interessados no assunto.

relevantes; e John Wesley é um autor respeitado no campo religioso inglês do século XVIII, por ter fundado a Igreja Metodista.

A escolha dessas cartas para análise aconteceu não apenas pela importância desses autores em seus respectivos campos discursivos, mas, sobretudo, porque as produções literária, científica, filosófica e religiosa deles (dos espaços canônicos ou associados) reforçam os pressupostos segundo os quais os discursos literário, científico, filosófico e religioso têm natureza constituinte e paratópica. Mário, Drummond, Freud, Sêneca e John Wesley se apresentam, dessa forma, como sujeitos autorizados (locutores consagrados) que gerem a impossível negociação entre o lugar e o não lugar em seus processos de constituição e legitimação de posicionamentos discursivos específicos em seus campos.

Quando afirmamos que os autores são “consagrados”, pretendemos ir além do aspecto vago desse adjetivo, isto é, o uso de tal expressão se deve ao fato de eles serem reconhecidos por suas comunidades discursivas, apresentarem certa relevância para os campos discursivos de atuação e serem, em vários casos, estudados em universidades nacionais e internacionais, assim como citados em obras de variados gêneros, desde o científico e o artístico até o entretenimento e a publicidade. Nesse sentido, visamos refinar e distinguir o recorte de escolha das missivas, para não mobilizar as cartas de “desconhecidos” ou daqueles que não alçaram lugar no panteão de suas instituições discursivas.

É importante ressaltar que sabemos da existência de outros autores consagrados como os selecionados neste livro ou que também se inscrevem paratopicamente na sociedade e no espaço literário/filosófico/científico/religioso que os circundam. Neste livro, há uma exiguidade de autores que poderiam representar discursos constituintes apresentados alhures, como o religioso e o científico, em cartas bastante difíceis de serem encontradas.

Tais missivas apresentam dois eixos temáticos básicos que se

aproximam ou se distanciam da cena genérica carta privada e de suas cenografias típicas: i) a vida cotidiana dos autores (aproxima-se da rotina genérica de uma correspondência privada); e ii) o debate literário, filosófico, científico e religioso engendrado por eles (distancia-se da rotina genérica de uma missiva privada). Tais cartas podem construir cenografias distintas da rotina genérica de uma carta privada: há cenografias, por exemplo, que encenam debates de ordem literária, filosófica, científica e religiosa, sobre a língua portuguesa do Brasil, análises e críticas de poemas, pressupostos filosóficos e psicanalíticos, posicionamentos religiosos etc.

À guisa apenas de exemplificação e para não estender em demasia, apresentamos duas cartas a seguir – uma de Mário de Andrade (MA) e outra de Carlos Drummond de Andrade (CDA). Sendo assim, a carta datada de 1º de julho de 1930, produzida por MA em Araraquara/SP, é um exemplo significativo da presença recorrente dos dois eixos temáticos e da presença de cenografias bastante variadas e distintas da rotina genérica de uma carta privada: há encenações de narrativas do cotidiano (MA está em uma fazenda do tio) e de uma crítica literária (MA apresenta uma crítica literária do primeiro livro de poemas publicado por CDA, “Alguma Poesia”).

São três horas duma noite incrível de fazenda. Estou numa agitação inconcebível, acordei de repente assustado, sem razão, o ar sufoca semiquente, uns barulhos esquisitos lá fora, uma buzina ao longe que não pode ser de caçador, venta baixinho. Sei que meu tio também não dorme nem a mulher dele. Barulhos espaçados na casa, fora de casa [...]. A poesia de você é feita de explosões sucessivas. Dentro de cada poema as estrofes, às vezes os versos, são explosões isoladas. A sensibilidade profunda, o golpe de inteligência, a queda da timidez fisiopsíquica (desculpe) se interseccionam, aos pulos, às explosões. Repare o final do “Poema das sete faces”. O terceto “Meu Deus, porque me abandonaste” etc. é toda a timidez de você que ressumbra. Vem em seguida a explosão de sensibilidade na quintilha “Mundo mundo, vasto mundo” com a semisubconsciência provocando assonâncias, associações de imagens, e o verso

sublime (mas intelectualmente besta) “seria uma rima, não seria uma solução”. Mas o diabo da inteligência explode na quadra final (ANDRADE, 2002, p. 384; 387).

Nessa carta, os dois eixos temáticos se apresentam de modo entrelaçado, uma vez que a vida cotidiana e as questões sobre literatura se constroem mutuamente no processo enunciativo. Observa-se, nessa carta, que há uma oscilação de cenografias, que ora se aproximam (narrativas do cotidiano) ora se distanciam da rotina genérica de uma carta privada (crítica literária).

Na carta de 9 de outubro de 1928, por exemplo, CDA, em Belo Horizonte/MG, confirma a MA, com entusiasmo, o recebimento da primeira edição de “Macunaíma”, além de apresentar uma curta crítica literária à obra recém-publicada. Nos trechos da missiva citados a seguir, evidenciam-se o primeiro e o segundo eixo temático básico (falas da vida cotidiana e debates e críticas literárias), em que as possíveis cenografias construídas se aproximam e se distanciam da rotina genérica de uma carta privada. É possível perceber que tanto as correspondências de MA quanto as de CDA apresentam uma regularidade em relação aos dois eixos temáticos:

Viva Macunaíma! Não tem caráter absolutamente nenhum, mas por isso mesmo é característico como quê. E como criação literária, delicioso. Como criação psicológica, moral e étnica, eu estou com o Tristão: queira ou não o consciente de você, aquele é mesmo o herói nacional quase íntegro. É uma terrível e formidável sátira, muito cruel, dolorosa mesmo, porém ao mesmo tempo que coisa saborosa e nunca vista até hoje! Você foi sempre o melhor explicador dos seus livros. Nos dois prefácios de Macunaíma penso que não foi não, porque não é possível arrancar do livro a significação irrecusável que ele tem. Talvez você tenha ido longe demais do lugar a que pensava ir... Talvez [...]. E... assim vai a vida! Dolores se recomenda aos amigos da rua Lopes Chaves. Eu abraço o criador de Macunaíma. E a pequena Maria Julieta manda um carinho para o “homem do paletozinho” (ANDRADE, 2002, p. 335-336).

Subsequentemente, apresentaremos os critérios metodológicos de entrada e recorte do *corpus* deste livro.

Crítérios metodológicos de entrada e recorte do *corpus*

Em relação à metodologia de pesquisa assumida neste livro, seguimos, fundamentalmente, Michel Pêcheux (1990)² e Maingueneau (2008a; 2015).

Apoiados nas pesquisas de Maingueneau (2008a e 2015), assumimos que o tratamento metodológico do *corpus* deve partir de hipóteses fundadas na história e em um conjunto de textos, em que a análise desse conjunto pode confirmar ou refutar as hipóteses estabelecidas. Conforme esse viés metodológico, o imbricamento entre texto e contexto, ou melhor, entre discurso e condições de produção é radical, e a abordagem do *corpus* deve considerar tal aspecto, de modo que o texto seja analisado enquanto prática discursiva de um sujeito inscrito em um posicionamento no campo, ao invés de uma materialidade autônoma. As cartas privadas de Mário, Drummond, Freud, Sêneca e John Wesley foram analisadas nessa perspectiva, isto é, como instâncias verbais de gestão das próprias condições que possibilitaram seus surgimentos.

Na esteira de Pêcheux (1990), assumimos também que uma metodologia de análise discursiva deve implicar movimentos de alternância entre os gestos de descrever o *corpus* e interpretá-lo, sem considerar que se trata de movimentos indiscerníveis. Nesse prisma metodológico, analisar um *corpus* é, ao mesmo tempo,

2 Apesar de não mobilizarmos diretamente a teoria de Pêcheux neste trabalho, sua breve vinculação à metodologia se justifica pelo fato de a análise do discurso de linha francesa, na qual se concentra Maingueneau, ter sido fundada por Pêcheux. Em outras palavras, não é possível falar de análise do discurso francesa sem nos remeter, mesmo que indiretamente, à figura de Pêcheux que fundamentou essa área de investigação de maneira metodológica. Por isso, quando se mobiliza algum estudo nessa área específica do discurso, considera-se intrinsecamente também suas bases epistemológicas fundantes.

descrever a materialidade e explicar o funcionamento.

Em função do *corpus* de análise deste livro – cartas privadas de autores consagrados produzidas em posicionamentos específicos e em campos discursivos determinados –, assumimos o gênero do discurso como entrada metodológica, que corresponde à unidade tópica de análise. Esta última, conforme Maingueneau (2008a), pode ser dividida em duas: unidades territoriais e transversas.

As unidades territoriais correspondem “a espaços já ‘pré-delineados’ pelas práticas verbais” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 16). Trata-se de tipos de discurso relacionados a certos setores de atividades da sociedade (discurso político, administrativo, publicitário etc.) e que, de acordo com o autor, “englobam gêneros de discurso, entendidos como dispositivos sócio-históricos de comunicação, como instituições de palavras socialmente reconhecidas” (*ibidem*, p. 17). Tais gêneros do discurso se agrupam nos níveis do posicionamento e do campo ao qual tal posicionamento pretende se aderir de fato:

Por natureza, as unidades “tópicas” se situam no prolongamento das categorizações dos atores sociais, o que não significa que coincidam com elas. Elas se articulam em torno da categoria de gênero de discurso, entendido como instituição de fala, dispositivo de comunicação sócio-historicamente determinado: o jornal televisivo, a consulta médica, o roteiro turístico, a reunião do conselho de administração... (MAINGUENEAU, 2015, p. 66).

Por sua vez, as unidades transversas “atravessam textos de múltiplos gêneros de discurso” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 17). Ademais, é possível falar de registros definidos a partir de três critérios: linguísticos, funcionais e comunicacionais.

Os registros linguísticos são definidos a partir de bases enunciativas e podem ser de ordens diversas – lexical, sintática, enunciativa e textual. Para o autor, o analista do discurso precisa

articular em seus trabalhos, ao mesmo tempo, o sistema linguístico e a diversidade de situações de comunicação. Aqui, os registros definidos por critérios funcionais “se esforçam em classificar os textos postulando que a linguagem é diversamente mobilizada segundo desempenhe uma ou outra função dominante” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 18).

Enquanto isso, os registros de tipo comunicacional são a fusão de traços linguísticos, funcionais e sociais. Discursos como o didático e o cômico, por exemplo, “investem em certos gêneros privilegiados” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 18), mas não se fecham neles. Segundo o autor, os registros de ordem comunicacional são estreitamente ligados às práticas sociais e à diversidade das situações de comunicação. Nesse caso, os parâmetros são heterogêneos, como as etiquetas de uso cômico, literário, didático etc.

Devido à diversidade dos fatores implicados na comunicação verbal, é extremamente difícil decidir o que é e o que não é um registro e onde passa a fronteira entre um e outro. Além disso, para um analista do discurso, o estudo do registro não poderia ser uma finalidade em si, mas ser levado em conta nos jogos da enunciação.

As unidades não tópicas de análise, por sua vez, enquanto contraponto de comparação no que tange às unidades tópicas, são elaboradas pelos pesquisadores e são independentes de fronteiras pré-estabelecidas. Para trabalhar com unidades não tópicas, o pesquisador precisa elaborar *corpora* heterogêneos, mas isso não implica um recorte aleatório, uma vez que as unidades não tópicas “agrupam enunciados profundamente inscritos na história.” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 18). Para o autor, as unidades não tópicas parecem convir com o termo “formação discursiva”, unidade que contraria as fronteiras pré-construídas.

Conforme esclarece Mussalim (2008b, p. 99) no texto “A propósito das unidades não-tópicas em análise do discurso”, a noção de formação discursiva:

[...] será compreendida como uma unidade não-tópica de análise, isto é, como unidade não-territorial, que não corresponde e nem se restringe a espaços já pré-delineados pelas práticas históricas (como o espaço dos campos – o político, o religioso, o literário, o filosófico, etc.) e verbais (como a instância dos gêneros, por exemplo) (MUSSALIM, 2008b, p. 99).

Com relação ao critério fundamental de recorte do *corpus* para análise, selecionamos trechos das cartas privadas em que, de maneira privilegiada, é possível perceber o imbricamento entre as três instâncias constitutivas do funcionamento da autoria – a pessoa, o escritor e o inscritor –, ao relacionarmos tal imbricamento com a gestão da paratopia e a construção das cenografias. Enquanto subcritério, consideramos trechos por meio dos quais podemos demonstrar a produtividade de se conceber os textos literário, científico, filosófico e religioso como formas de gestão dos seus contextos.

Esses critérios metodológicos de recorte e entrada no *corpus* permitiram demonstrar, ao longo das análises, a viabilidade de postular as hipóteses em que as cartas privadas dos autores consagrados e inscritos nos campos literário, científico, filosófico e religioso funcionam como gêneros do discurso. Nesse caso, os textos realizam a gestão dos seus contextos e, como decorrência disso, pretendemos postular que o gênero do discurso pode se configurar como embreante paratópico além da cenografia, do *ethos* e do posicionamento na interlíngua, elementos reconhecidos anteriormente por Maingueneau (2012).